

Sobre chatices e chatos (I) (quase um ensaio) *

Raymundo de Lima - ray_lima@uol.com.br

*“Esse mundo é redondo, mas está ficando muito **chato**”*
Barão de Itararé

*“...Eu devia estar feliz pelo Senhor / ter me concedido o domingo
Pra ir com a família ao jardim zoológico / dar pipoca aos macacos.
Ah! Mas que sujeito **chato** sou eu / que não acha nada engraçado.
Macaco, praia, carro, jornal, tobogã / eu acho tudo isso um saco...”*
Raul Seixas – “Ouro de tolo”.

Chatos sempre são os outros, nós jamais!

Um colega de trabalho é considerado chato porque puxa o saco do chefe, um marido é considerado chato pela esposa porque faz muito barulho com seus arrotos e flatulências, ele revida, dizendo que ela é mais chata porque o trata com menos carinho do que o cão, que passou a dormir na cama do casal. É claro que o homem reclamou, mas ela sugeriu que ele fosse dormir no tapete da sala.

Não são somente os adultos que carregam a pecha de chato. Uma criança considerada chata geralmente é malcriada, birrenta, não aceita não, e certamente foi desde muito cedo mimada pelos pais. Um professor pode ser considerado chato pelos alunos porque suas aulas são tão monótonas e previsíveis que funcionam como soníferos; já o aluno chato em geral é desinteressado nas aulas, preferindo perder o tempo com brincadeiras bobas, fora de lugar e hora, que terminam irritando os colegas e professores.

Os exemplos de sujeitos chatos são infinitos. Alguém fez uma estimativa sobre o aumento do número de chatos crescendo em progressão geométrica enquanto a população aumenta em progressão aritmética. Se é verdade esta previsão, o mundo do futuro será insuportavelmente chato para se viver, aliás como já previra o grande Barão de Itararé, na primeira década do século passado.

Os animais também podem ser chatos, como o cachorro do vizinho que late a noite toda, ou o passarinho que canta como que para testar os nossos ouvidos. O animal chateia ou não dependendo de nossa experiência, simpatia e empatia para com eles. Tem gente que não gosta de gato, outros não gostam de cachorro, papagaio, periquito, etc. Cada um tem seus motivos conscientes ou não conscientes do por que o bicho é irritante e chato. Já os insetos, vírus, bactérias, certamente despertam vários sentimentos negativos para além de despertarem chateação, que para alguns geram até fobias: aracnofobia, por exemplo, é a fobia de aranhas...

Quando nossa saúde fica abalada certamente nos sentimos chatos. Ninguém nega que os sintomas de uma gripe diminuem nosso humor e aumenta nossa irritação por tudo. Entretanto, uma nova patologia psíquica denominada pelos psiquiatras de distímia vem diagnosticando as pessoas crônica e continuamente mal humoradas; provavelmente é atualmente a doença que mais chateia tanto o doente como os que lhe são próximos.

Poliseno (1996) também parece associar o *maior* chato ao mal humorado constante. O autor italiano observa que para o mal humorado tudo lhe é motivo para revelar seu traço de caráter que consiste em: estar sempre revoltado com qualquer contratempo, não admite brincadeiras, desconhece qualquer tipo de companheirismo e cordialidade, está sempre indignado e pronto a lançar farpas aos amigos e detonar os inimigos, distorcendo o que seria humor em ironia, e o que seria ironia no estilo socrático vira em sua boca um sarcasmo danoso ou cinismo ferino.

As chatíssimas reuniões tecnoburocráticas da escola, universidade e demais organizações, também podem ser um bom laboratório de observação da cultura específica de cada grupo de trabalho, e dos sintomas manifestados tanto do indivíduo como da instituição. O que é visto

como chato por quem escolhe viver fora dessa cultura, certamente pode ser um gozo de fundo sexual por aqueles que sabem jogar o jogo do poder. Pode ser interessante detectar nessas reuniões gente desperdiçando sua fina inteligência para calcular um ataque ao outro; por vezes, vemos chatos e chatas projetando maldades no colega que se tem inveja ou que pensa diferente. Enfim, reuniões são momentos de chatice que podemos nos divertir imaginando um desfile de personagens chatos, cada um com sua estrutura psíquica e seus próprios modos de expressão ou sintomas. Por exemplo, há o chato histérico que fala muito e nada diz, o chato crítico contumaz, o chato que usa o momento para fazer propaganda de sua produção, o chato que usa de carranca pra meter medo nos colegas, o chato sempre pronto para disparar uma palavra ferina, etc, etc.

O chato chateia

Por definição, o sujeito chato é geralmente uma criatura de conduta irritante, repetitiva, maçante, inconveniente; uns são mais descontrolados do que outros, sendo que os considerados mais chatos são aqueles que extraem gozo sádico ao invadir a privacidade alheia. Embora exista o chato que fica satisfeito em apenas desequilibrar a vida presente do outro, há os que calculam chatear até o futuro da vítima. Quem já não sofreu uma situação demasiadamente humilhante em que um chato ou uma chata gasta energia para atazanar nossa vida para além do tempo presente? Fiquei sabendo que uns chatos gastam seu tempo e energia para enviar e-mails a Gloria Perez, autora da nova global *América*, forçando ela lembrar o fato trágico que culminou com o assassinato de sua filha, tempos atrás. Recentemente soube que alunos muito chatos estão enviando e-mails anônimos para chatear e até ameaçar professores que eles não simpatizam. São gestos agressivos que carregam vários tipos de sentimentos como raiva, inveja, amor camuflado, e condutas mais complexas como o sadismo, o cinismo, obviamente ultrapassando o limite da sanidade. Machado de Assis, em fina ironia alertava que esse tipo de chato funciona como *um vampiro da nossa paciência*, porque testa nossa capacidade de reservar energia para coisas que valem a pena, para ser usada além do tempo em que vivemos.

A situação chata também chateia

Já uma situação chata – ou chatice – deixa a atmosfera carregada para ser respirada; o ambiente fica viscoso para caminhar numa conversa ou a relação humana torna-se insuportável. A chatice é ao mesmo tempo causa e efeito de conflitos internos e externos; provoca-nos ondas de ressentimentos, exaustão psicológica, física e existencial. Uma situação chata, como por exemplo, a fila, nos coloca num dilema existencial cuja liberdade de escolha implica em mais perda do que eventuais ganhos. Freud descobriu que os neuróticos provavelmente, embora reclamem, são os doentes psíquicos que mais ganham “secundariamente” com seus sintomas. Um neurótico, por exemplo, embora se queixe de participar da reunião de condomínio, ou da comissão de sindicância sobre um colega de trabalho, de um encontro familiar, etc, no fundo, extrai algum ganho (gozo) com essas situações, e por isso mesmo torna-se um chato. Ninguém nasce chato, torna-se chato.

No ambiente do trabalho, estudo, casa, lazer, vizinhança, rua, as pessoas consideradas verdadeiramente chatas são inconvenientes, mal humoradas, e repetitivas. No fundo, o chato é um traço ou sintoma de um sujeito num dado meio social. É comum o chato usar determinadas situações sociais para matar dois coelhos ao mesmo tempo: *atazanar a vida dos outros e para ocupar o seu tempo livre*. O sociólogo Domenico de Masi observa que a vida, desse tipo de pessoa, de alma pequena, necessita inventar pseudo-assuntos para espichar a reunião porque ela teme voltar para sua casa onde terá que enfrentar a sua “vida vidinha”, como poetiza Adélia Prado.

Sem dúvida, o chato ou chata é alguém que testa nossa paciência, e tenta vampirizar nossa energia vital, muitas vezes sem, conscientemente, calcular esse efeito danoso. Ocupar um longo tempo grudado ao telefone para falar, falar, e nada dizer, ou para falar mal da vida alheia, ou, ainda, para entulhar nossa caixa postal de e-mails que só ele gosta, embora seja um ato chato, nem sempre pode ter essa intenção e nem sempre vem de uma personalidade chata. Mas, há a suspeita de esse tipo de ato vir de uma vida chatinha ou de um momento de vida considerado chato.

No Big Brother Brasil 5 – programa de TV que muita gente acha chato – os dois participantes mais rejeitados registrados pela Endemol, coincidentemente, também foram considerados os mais chatos da casa do “reality show”: Aline, pela sua conduta de leva-e-traz a serviço do

grupo do “mal”, obteve 95% de votos de rejeição e o médico Rogério, pela sua atitude truculenta, inescrupulosa, e manipuladora dos participantes, obteve 92% de votação. Como se trata de um “jogo” para ganhar um milhão de reais, as circunstâncias obrigam as pessoas a alterarem sua conduta como se passassem a viver um zoológico humano, cujas regras podem ser estranhas, ou anti-éticas...

Época dos chatos; eles ocupam todos os lugares...

Como vivemos numa época que demanda rapidez em tudo, as pessoas tendem a considerar chato uma pessoa ou uma situação que toma nosso tempo em demasia. Repare, caro leitor, que a atual geração do videogame e do celular, acha chato ter que esperar. O jovem de nossa época acostumado a dominar o tempo e a velocidade do jogo eletrônico, se desespera quando se vê obrigado a viver o tempo, a velocidade e o espaço da realidade concreta. Por isso ler, para eles, é muito chato. Ler é uma atividade lenta, quase anti-social, exige trabalho de construção de compreensão, que, para essa geração mimada é uma coisa muito chata.

No universo da “modernidade líquida” ou “pós-moderna”, uma pessoa – comumente idosa – mais lenta para comunicar alguma coisa ou para sacar dinheiro no banco é facilmente – e injustamente – estigmatizada como chata. Nossos jovens, cada vez mais, não toleram os mais velhos e os mais sábios. Um programa de tv do tipo “cabeça” é igualmente considerado chato pela assistência mediana e urbana habituada a conviver com o *stress* diário. Por outro lado, um público mais intelectualizado – e metido a besta – que orgulhosamente diz não assistir tv, não suporta os programas produzidos pela chamada “indústria cultural” bem ao gosto do povão, na linha dos programas de auditórios, novelas, de fofocas sobre as celebridades e policiais.

Surge também uma nova geração de mães estudadas, inseridas na competição do mercado globalizado, não obstante continuem desejando um filho como símbolo de auto-realização, não suportam as atividades maternas porque são repetitivas e por isso mesmo chatas, como dar comidinha, limpar bumbum, trocar fralda, etc; a desgraçada da criança é vista como estorvo para sua carreira profissional e, também, por que exige cuidados em demasia fora da vocação e da profissão. Suspeita-se que essa situação chata em que a educação falta, faz brotar uma geração de chatos, mandões, narcisistas, hedonistas, individualistas, e indiferente ao outro. Hoje em dia os professores são obrigados a conviver com alunos chatos que sequer usam um mínimo código de conduta em sala de aula. E, não me venham com essa de que falar de mínimo código conduta ou de polidez é tender para a ‘direita’. Refiro-me ao respeito que se deve ter para com o outro, isto é, uma atitude que vem antes da denominada etiqueta social, ou das boas maneiras. Quem não acha chato um doutor desrespeitar a condição do ignorante ou usar do seu saber como poder? Quem não acha chato a atitude arrogante, intolerante, o ‘sabe tudo’?

Enfim, falta investigar as causas do aumento dos chatos e o aumento da variedade de chatices próprias de nossa época. A causa *primeira* estaria na nova geração de crianças mal educadas ou viria da nova geração de mães sem vocação?

A preferência dos chatos

Já dissemos que tradicionalmente os chatos usam as situações sociais como filas, reuniões, enfim, para ele expressar sua chatice latente. A Internet tem sido muito usada pelos chatos pós-modernos. A Internet, que prometia revolucionar a comunicação entre as pessoas, tornando a vida mais interessante, com melhor cultura geral, despertando a criatividade, está se transformando num ambiente propício para proliferação de chatos virtuais e anônimos, como já exemplificamos. Como não ficar irritado com o congestionamento de nossa linha de Internet cheios de lixos virtuais (*spans e trojans*)? Como não ficar chateado com a conta de telefone ou o provedor – e a empresa de telefonia – que inventa mais um serviço pra sugar o nosso dinheirinho? Como não ficar chateado quando nossos filhos criam um clima de domínio total do espaço para eles reinarem absolutos na ocupação do computador para fins nem sempre pedagógicos?

Outro lugar que está virando uma chatice são os cinemas. Não falo das extintas salas grandes de exibição de filmes familiares e pornográficos – esta última, na sua fase de decadência – que se tornaram igrejas neopentecostais, dentro do seu próprio projeto de *chatinização* fanática do mundo. Refiro-me às pequenas salas dos cinemas de *shopping centers* de hoje que atraem uma geração de mal-educados, não para assistir o filme, mas para comer pipoca, tomar refrigerante, fazer troça sobre as imagens projetadas na tela, um sem fim de infantilidades que

obviamente chateia os que estão interessados em acompanhar a história do filme. Essa mesma geração que facilmente estigmatiza de chato qualquer coisa fora do seu entendimento, nesses espaços, termina revelando sua intolerância para com os que desejam refletir, sentir, e agir de modo diferente dos de sua geração.

Como já foi dito no início deste artigo, nossa tendência egóica de fundo pré-conceituoso é achar que chatos são os outros, nós, jamais. Todo ser humano facilmente faz críticas e tem dificuldade de fazer autocrítica, sobretudo de nosso lado chato. Evidentemente que o aumento das situações chatas nos obriga a reproduzir as mesmas em forma de sintomas pessoais. Para controlarmos nosso lado chato e pouparmos o mundo de mais chatices, não seria má idéia termos em mente o seguinte: *no momento que achamos o outro chato, certamente tem alguém também nos achando chato, com ou sem razão*. Aliás, um artigo como esse não é poupado de ser também considerado chato. O seu autor, também...

(Desculpe, caro leitor, estar realmente sendo chato, de forçá-lo a ler mais coisas sobre esse assunto, no **próximo número**.)

*As primeiras anotações deste artigo foram úteis como orientação para a entrevista que dei à jornalista Bárbara Soalheiro, da revista *Superinteressante*, cuja matéria foi publicada com o título “Por que existem chatos” (ver *Superinteressante*, de junho de 2004). Posteriormente, já como rascunho desse artigo, os mesmos pontos também me serviram para outras entrevistas, dentre elas, destaco que concedi à Rede Bandeirantes sobre o mesmo assunto.

Apparício Torelli (1895/1971), o “Barão de Itararé, também usou o pseudônimo de” “Apporelly”, era gaúcho, mas se destacou pelo humor crítico principalmente à política, publicando por anos o jornal “A manha” no Rio de Janeiro. Dele disse Jorge Amado: “Mais que um pseudônimo, o Barão de Itararé foi um personagem vivo e atuante, uma espécie de Dom Quixote nacional, malandro, generoso, e gozador, a lutar contra as mazelas e os malfeitores”. A revista www.espacoacademico.com.br já publicou um artigo sobre o grande humorista brasileiro. (Ver: [As peripécias de um Barão vermelho – 110 anos da morte de Aparício Torelly](#), por Augusto Buonicore).

No fundo, o distímico é um deprimido enrustido. Trata-se de uma pessoa que recruta suas defesas egóicas cujo traço expressivo constante é o mau humor usado para camuflar a depressão e ir tocando a vida. Nesse esforço pessoal ela termina passando a todos a imagem de rabugenta, complicada, implicante, intratável, e chata. Uma boa imagem da pessoa distímica é da hiena do desenho animado que fica resmungando “Oh dia, oh céu, oh vida, oh azar”.

Em minha pesquisa de doutorado, um entrevistado me disse: “na verdade, essa minha carranca me poupa de dar muitas satisfações”, ou seja, uso-a para passar uma imagem de temor reverencial.

Nesse sentido, discordo de Figueiredo (1993) que entende que nascemos chatos, que a criança é necessariamente chata.

A Endemol, produtora holandesa, dona da idéia que criou o programa Big Brother, comparou esses índices com os demais países onde o mesmo formato é realizado.

Zygmunt Bauman (2001) sugere a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade de nosso tempo, que, como qualquer líquido, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Ao contrário da “modernidade sólida”, a “modernidade líquida”, as instituições, os quadros de referências, os estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. Nesse sentido, o tempo também se liquefaz. As pessoas quando falam antigamente, se refere a 30 ou 40 anos atrás, e quando diz “para sempre”, está se referindo a duração de 10, 20 anos. Assim, um casamento “para sempre” é um casamento que suporta esse período...

Quando refiro a um mínimo código de conduta, não estou necessariamente reduzindo esse universo de agir e de ser a apenas os “bons modos e boas maneiras”, mas sinalizando a necessidade de se ter *respeito* para com o outro, que deve ser aprendido na educação. O filósofo e professor da USP, Renato Janine Ribeiro, em um artigo, se pergunta se haverá uma etiqueta propriamente “de esquerda”? Diz ele: “O termo pode soar exagerado, mas se pensarmos na outra idéia de etiqueta – não a da hierarquia, **mas a do respeito** –, faz

sentido dizer que haja uma etiqueta democrática. É a de quem recusa ser superior ao outro. **Cedo a vez a ele. Peço licença, se quero fumar na frente de um estranho, e aceito a negativa.** Conhecemos a imagem do militante de esquerda sujo, fumando o tempo todo, sem bons modos. Mas ela é uma mentira e uma raridade. A maior parte dos militantes que conheço são educados, respeitosos. **Podem não conhecer certas regras (a colocação das facas), mas essa só é a essência da etiqueta conservadora, “de direita”, hierárquica. Há, sim, uma etiqueta democrática – e ela não está nas regras, mas num valor básico: mostrar ao outro que temos respeito por ele, que não nos sentimos superiores, que acreditamos no valor e na igualdade de todos. Quando cedo a vez ao outro, é isso o que estou dizendo: uma lição de igualdade”**. [grifo nosso].



Bibliografia consultada

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio: Jorge Zahar, 2001.

BOBBIO, N. **Elogia da serenidade : e outros escritos morais**. São Paulo: UNESP, 2002.

CANETTI, E. **Auto-de-fé**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DHOQUOIS, R. “Sob contrato”. In: **A polidez: virtude das aparências**. Porto Alegre: 1993, pp. 103-112.

FIGUEIREDO, G. **Tratado geral dos chatos**. Rio de Janeiro: C. Brasileira, 1993.

FREUD, S. [1929] **Mal-estar na civilização**. Rio: Imago, Ed. Standard das Obras Completas, v. 21., 1974.

GUSDORF, G. **A fala**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1977.

LIMA BARRETO. **O homem que sabia javanês**. Curitiba: Pólo, 1997.

LUCCHESI-BELZANE, M. “Um vazio essencial”. In: **A polidez: virtude das aparências**. Porto Alegre: 1993, pp. 23-38.

POLISENO, A. **Os defeitos dos outros**. São Paulo: Paulus, 1996.

RIBEIRO, R. J. [Há uma etiqueta democrática](#) [ou procurar no Google].

SEIXAS, R. **Ouro de tolo**. [letra e música de Raul Seixas].

Sobre chatices e chatos (II)

(Da etimologia e uso da palavra; o ‘habitat’ e a servidão voluntária dos chatos)[1]

“Chato é uma pessoa que fala quando você quer que ela ouça”
Ambroise Berge

*“É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”*
Raul Seixas “Metamorfose ambulante”.

Da etimologia ao uso da palavra e o ato

Os etimólogos dizem que o termo “chato” provém do nome vulgar dado a um inseto anopluro da família dos pediculídeos (*ptirius púbis* ou *pediculus pubis*), geralmente cosmopolita, que gosta de viver na região pubiana e, eventualmente nas sobancelhas e axilas.

Como “a significação da palavra é seu uso na linguagem”[2], o uso do termo ‘chato,’ atribuído ao piolho, passou a também significar os humanos de comportamento igualmente irritante. Dizem que “a língua francesa é a única, além da portuguesa, que atribui ao inseto a faculdade de chatear”[3].

Quem não acha irritante suportar o toque do celular fora de hora e de lugar? Como não ficar chateado com alguém que interrompe a conversa “ao vivo” para atender outra, ao telefone? Com o advento do celular o encontro presencial passou a ser secundário; é preciso saber esperar sem se chatear; nesse momento, temos que passar ao outro que somos compreensivos com a urgência do outro. Ser posto em segundo plano, em compasso de espera, é ou não uma coisa chata?

Embora existem avisos para desligar os celulares nos teatros, igrejas, auditórios, salas de aulas, sempre há os “esquecidos” transgredindo essa regrinha de convivência social. Recentemente, um desses chatos foi preso assim que desceu no aeroporto numa cidade do Paraná, por ter desobedecido à ordem de desligar o aparelho dentro do avião. Soube depois que era um brasileiro que vivia na Suíça, considerado o país mais civilizado do mundo. Adivinhem, o que os passageiros desse avião acharam do sujeito?

O *Tratado geral dos chatos* de Guilherme de Figueiredo (1993) possivelmente foi o primeiro estudo *não chato* sobre o assunto[4]. Em vez de fazer uma tese, geralmente chata, esse autor preferiu escrever um livro leve, bem humorado, beirando a ironia. A *chatice*, neste livro, é definida como: *falta de educação, inconveniência, impertinência, algo maçante, enfadonho, cacete, cricri, xarope, grosseiro, enchedor, repetitivo, que estraga nosso bom humor ou o nosso prazer*. Figueiredo aponta vários tipos de chatos: o etílico, o dom-juanesco, o confidencial (que gosta de falar no nosso ouvido), o astrochato, o famoso “chato-de-galocha”, o mala, o “sem noção”, etc.

A revista *Superinteressante* de junho/ 2004 chamou a atenção para alguns tipos de chatos atuais: o cuspidor, o prestativo, o folgado, etc. Mas, é impossível fazer um levantamento completo visto que os chatos se multiplicam numa velocidade estonteante. Recentemente aparecem com força social o *e-chato*, o politicamente correto, o academicamente correto, o fundamentalista religioso ou laico...Um sujeito que sempre prega a “revolução” por uma *única* classe, o proletariado, eleito pela história como se fosse por Deus, é igualmente chato como qualquer pregador de religião convencional. Chateia não pela sua fé, mas porque ele quer nos *convencer* ser este um discurso “científico”.

O não é uma abstração. O chato é mais um estilo de ser que faz parte de nossa realidade concreta. A chatice do chato é sempre uma expressão do cotidiano banal dos seres humanos. Só os humanos sabem chatear e se sentirem vítimas das chatices dos seus semelhantes. Quando o Estado deixa de cumprir com sua função precípua, ele causa efeito de mal estar e descrença nos seus cidadãos. Se fizermos uma pesquisa, certamente, o legislativo e o judiciário são os poderes que mais irritam o cidadão brasileiro. O legislativo nos causa irritação pelas notícias reveladoras de que os vereadores, deputados e senadores estão mais ocupados com seus próprios interesses, picuinhas, briguinhas; e o judiciário chateia quando se revela incapaz de fazer justiça. Ai daquele que precise de nossa justiça para se sentir justificado...

E a burocracia? Dizem os entendidos que vida cotidiana do Estado tem um nome: a **burocracia**, que, como sabemos chateia igualmente a todos, porque nós todos dependemos dela. Herdeira do patrimonialismo português, a burocracia brasileira atrapalha tanto o cidadão comum numa repartição pública como aquele que deseja abrir uma empresa. Em lugares como o Rio de Janeiro, onde boa parte da população até recentemente vivia dos benefícios decorrentes da burocracia federal, ainda hoje representa um inferno kafkaniano para quem se vê obrigado a suportá-la.

Kosik (1976) recomenda estudar a burocracia do Estado e das instituições afins, se quisermos realmente entender “de dentro”, ou do seu “concreto”, as funções e o funcionamento dos aparelhos burocráticos, e o mal estar que causa nas pessoas em geral.

Os pesquisadores das Ciências Humanas prestariam um grande serviço visando melhorar a existência humana, se dedicassem mais ao estudo do cotidiano intra-institucional e intra-organizacional, não apenas para fazer um mapeamento das várias e diversas manifestações de chatices que nelas ocorrem, como também para compreender o que vem causando o aumento do número de chateados[5] no planeta. Há quem afirme que o aumento dos chatos é

decorrente do aumento da intolerância entre as pessoas, à perda do sentido de civilidade em nossa época, à invenção de novas tecnologias sem a contrapartida de regras específicas para o uso de cada tecnologia. Ao contrário das tradicionais pesquisas abstracionistas, acredito que uma investigação minuciosa da vida cotidiana de nossa organização familiar e institucional, poderia trazer um entendimento sobre as fontes e os porquês do aumento do número de chatos e de chateados no mundo.

Equívocos do uso da palavra “chato”

Existem alguns equívocos quanto ao uso da palavra *chato(a)*. Associar tristeza com a chatice, por exemplo, quando alguém diz “fui a um velório muito chato” ou “fulano estava chateado”, ou ainda, “suicídio é uma coisa muito chata”. Outro equívoco é associar a chatice com a feiúra e a antipatia. Quando alguém diz “fulana é uma chata” querendo dizer que ela é visualmente feia ou antipática, provavelmente, o mau uso dessa palavra camufla um certo rancor dirigido à feiúra e à antipatia. A verdade é que ninguém é chato simplesmente porque é feio. Suspeito que muitos humoristas e comicos fazem sucesso justamente com sua feiúra manejada para ser uma expressão socialmente agradável. Dizem que Sócrates era uma figura muito feia; alguns diziam que esse filósofo parecia um sileno (bode), já outros que o conheciam, no dia-a-dia, o achavam parecido com um pote de barro, que uma vez quebrado, revelava o mel puro que estava escondido dentro dele. Ou seja, é equivocada a associação entre feiúra e chatice.

Por outro lado, parece que imagem da pessoa chata se confunde com a imagem da pessoa antipática, arrogante, prepotente, metida-à-besta ou metida à sabe-tudo, ou daquela defensora da moral e dos bons costumes, etc. Quando Jabor diz que o chato é “um forte”, entendo que ele vê na sua atitude mais que um sujeito inconveniente. O chato segundo Jabor é um cara-de-pau, cheirando a sadismo e a cinismo: é o difamador de nossa vida pessoal, aquele que goza de invadir nossa privacidade, é o político corrupto, o sujeito que sempre pregou a moralidade que quando chega ao poder muda o discurso e a prática, etc. Portanto, esse sentido de “forte”, acima, nada tem a ver com um forte- lutador, a exemplo do nordestino comum: que sempre foi “um forte”, digno de ser respeitado por todos.

Atenção para os extremos

Para Aristóteles a virtude deve ser encontrada na “justa medida” entre os extremos, considerado pelo estagirita como viciosos. Segundo ele, a virtude deveria ser praticada no dia-a-dia, para ela ser aperfeiçoada. Entre a *carência* e o *excesso*, encontrar um ponto de equilíbrio, no fundo, é conquistar um lugar “não chato” de viver bem a vida. De saber viver com *sabedoria*. O problema é que o chato não sabe encontrar “seu” ponto de equilíbrio, ou não lhe interessa o caminho da sabedoria; seu *habitat* é um ou outro extremo. Os extremistas e os fanáticos tendem a serem chatos quando repetem seus atos fora do contexto político ou da cultura que estão inseridos.

Tanto o tagarelismo como o mutismo são atitudes que chateiam o próximo. Heidegger considera o tagarelismo como indício de inautenticidade do sujeito que deve sofrer com sua existência chata. Schopenhauer, por sua vez, considera que o tagarelismo e a dissimulação, fazem com que a mulher seja mais chata do que os soldados que só falam em batalhas, jogos e, obviamente, de mulher. Para além da misoginia desse filósofo, os indicativos apontam que as mulheres passam mais tempo falando ao telefone. Não quero dizer que elas são necessariamente chatas, mas tendem a muita falação vazia. Uma reunião entre homens tende a ser muito mais enxuta do que entre mulheres. (Olhe que estou dando um desconto para aquelas que estão com TPM, ou morrendo de inveja da boa forma da outra, do namorado da outra, e coisas do gênero). Por falar em telefone, creio que todos – mulheres e homens - perdem a paciência quando a conversa “ao vivo” é interrompida para que nosso interlocutor possa atender quem está do outro lado da linha. Ser preterido ou esquecido é ou não é muito chato!!

Como estamos dizendo, o uso da palavra chato’ está mais associado às pessoas tagarelas, que falam e nada dizem, que são inconvenientes, irritantes e repetitivas. É verdade que a maioria dos chatos sofre de incontinência verbal, por exemplo, quando deixa transparecer uma descortesia, quando lhe escapa uma grosseira. Dizemos que essa pessoa “pisou na bola”; que ela “perdeu a oportunidade de ficar calada”. Essas ocorrências demonstram que o (a) chato(a) é um *fraco* de caráter, cujos instintos ou pulsões dominam o seu modo de ser e viver. Novamente afirmo: a educação do chato não se completou. Pode-se aprender muito pelo ensino, ser formado, especializado, e , no entanto ser um ignorante na convivência social.

Ignorante quanto ao uso da polidez – “essa virtude menor, porém, necessária” (A. Comte-Sponville), ou o “respeito para com o próximo”, como sinaliza Renato Janine Ribeiro (mencionado no artigo anterior).

O verdadeiro chato é alguém que não sabe se comportar com sintonia com o ambiente social. Só mal educados – e, por isso mesmo, *chatos* - não sabem assistir a uma peça de teatro e nem a um filme, em silêncio; também, há alunos que não sabem participar da uma aula sem atrapalhar o colega do seu lado. Existem sujeitos tão chatos que vão ao teatro apenas para conversar, tossir, estourar bola de chiclete, enfim, atrapalhar os atores em cena.

Ultimamente, muitos professores vêm se queixando de não suportar uma nova geração de alunos acha tudo chato: as aulas, os professores, a escola. Basta estar na sala de aula para sua “pilha ficar fraca”, mas, nas baladas da noite ele facilmente encontra energia para gastar à vontade. São alunos sem compromisso com o aprender, e sem a mínima empatia para com o professor mal pago e desgastado física e mentalmente, e, muitas vezes, é despossuído de um mínimo código de convivência social. Alunos de classe média, que frequentam escolas particulares, chateados, terminam chateando os professores, por exemplo, não fazendo a aula render, ou, pior, demonstrando arrogância com o professor. Sua atitude é de superioridade, como que dizendo ao mestre: “eu te pago, portanto, você tem obrigação de me aturar”; ou, “sou teu cliente, logo, sempre tenho razão” (Cf. rev. *Veja*, 11/ 5/ 2005, p. 62-66: “Como medo dos alunos”). É preferível ter um aluno cricri ou crítico[6] contumaz de tudo, porque do seu jeito demonstra estar participando da aula do que conviver com um aluno indiferente, passivo, sem compromisso com nada, que, nos tempos da ditadura, era chamado de “alienado”.

Embora o uso da palavra “chato” parece mais restrito às pessoas que usam palavras e ruídos para chatear os seus semelhantes, também está presente no extremo oposto, isto é, do mutismo ou laconismo; o lacônico é um chato porque geralmente deixa o outro sem saber o que falar quando está com ele. Um casamento, por exemplo, se torna chato quando acaba o amor e os assuntos entre o casal. O mesmo pode ocorrer com uma amizade, que deixa de ser interessante quando se extingue o prazer de trocar idéias e impressões sobre a vida.

Na verdade, *os chatos habitam os extremos da convivência*: Nesse *habitat* próprio dos chatos, o modo de expressão, vai do mutismo irritante ao tagarelismo, da visível grosseria à polidez excessiva, afetada, protocolada, formal, e cheia de etiquetas. Já examinados porque uma pessoa grosseira é uma chata. Já uma pessoa excessivamente polida torna-se chata porque “dissimula o coração” (Lucchesi-Belzane, 1993), escondendo sempre quem ela verdadeiramente é. Uma pessoa posicionada nesse lugar, das etiquetas protocoladas, sempre nos deixa pouco à vontade. Diante dela, perdemos a bússola do que falar, como falar, como olhar, ou seja, o diálogo corre o risco de fracassar.

A “servidão voluntária” e a chatices

Um tipo de chato atravessa todos os tempos e culturas: é o adulator, também conhecido como “puxa-saco”. Na língua culta da filosofia das virtudes é aquele que se presta à *servidão voluntária* (La Boetie). Usando palavras e atos, o adulator usa exagera na cortesia, nos elogios e na admiração ao outro, que terminam reforçando qualidades – verdadeiras ou falsas - de um outro qualquer. Muitas vezes, o adulator exalta tanto o outro, recebendo em troca a rejeição, o desprezo, ou o simples uso inescrupuloso de seu masoquismo e servilismo.

É muito chato, no cotidiano, ser espectador desse tipo de relação tão dessimétrica, indigna, e, teatral, que lembra alguns personagens clássicos da literatura. Os adultores chateiam o cotidiano daqueles que dignamente trabalham nas empresas, nos serviços públicos, nos estabelecimentos escolares e universitários; parece que estão ali para testar nossa paciência e nosso grau de tolerância de ver até onde uma pessoa pode se rebaixar numa situação de *servidão voluntária*. Qual seria o limite do servilismo voluntário; seria a *Síndrome de Estocolmo*?[7].

Onde facilmente se observa o servilismo voluntário, infelizmente, é nos estabelecimentos superiores de ensino. Refiro-me a um tipo particular de relação entre orientando (a) e orientador (a). Uma coisa é o aluno se apoiar na competência do orientador, e outra bem diferente, é ele se tornar *dependente e puxa-saco* do orientador. Imaginamos que num empreendimento de pesquisa (monografia, dissertação ou tese) a relação entre orientador e orientando seja sempre sadia, equilibrada, e produtiva, cuja razão e o bom-senso possam controlar a emoção, para que a pesquisa chegue a um bom termo[8]. Mas, existe orientando

que usa seu orientador como se fosse uma droga. Tornam-se “adictos” do Mestre (*addictum*: é uma palavra latina que significa “escravo”; designava o homem que, para pagar uma dívida, se convertia em escravo por não dispor de outros recursos para cumprir o compromisso contraído. Kalina e Kovadloff (1980), em vez de usar ‘toxicomania’, preferem usar ‘drogadicação’ para o caso da pessoa que vira escravo ou dependente das drogas). Ou seja, existem orientandos, durante e após o processo de pesquisa, que se tornam adutores compulsivos do orientador, se oferecendo para fazer serviços braçais, que nada tem a ver com o labor da pesquisa^[9].

Oliveira (1985), observa ser *normal* o fato de alguns alunos serem voluntários servis com seus orientadores; alguns alunos imploram ao seu orientador fazer trabalhos especiais ou braçais. Eles sentem que “*este tipo de trabalho é uma espécie de honraria e ficam sentidos quando não recebem esta incumbência*”.

Como não se sentir constrangido ver alunos sendo levados por um professor-orientador, sem escrúpulos, a fazer todos os tipos de trabalhos – como: digitar trabalhos do professor, tirar a poeira dos seus livros, levantar dados uma pesquisa; ou, trabalhos supostamente mais elevados, como: substituir o professor nas suas ausências, cuidar do laboratório nos fins de semana, tomar conta de seus bichos nas férias, enfim, o aluno terá que suportar toda a carga de trabalho chato que o doutor “x” não quer fazer. Segundo Oliveira (op.cit.) há casos em que teses são retardadas com a intenção mesquinha do orientador de segurar o “escravo”, de modo que as bolsas, aumentos, gratificações, tudo fica *dependente* da subserviência aos desejos do doutor-orientador. Embora essa situação possa chatear o orientado consciente de jogar o jogo da “servidão voluntária” do doutor “x”, o aluno, fascinado pelo Mestre e, ao mesmo tempo, apaixonado pelo objeto de pesquisa, se deixa levar pela exploração sem limites do orientador inescrupuloso. Em alguns casos, o aluno ou ex-aluno, até era consciente dessa exploração, “*mas estava disposto a pagar o preço, porque sabia que mais tarde isso ia compensar*” a *intimidade intelectual*” (Oliveira, J.B. (Cf.: OLIVEIRA, J. B. 1985, pp. 87-121).

Mas, a atitude de “servidão voluntária” no ambiente universitário não fica restrita a relação dessimétrica entre alguns orientadores e orientados. Em relações aparentemente simétricas, entre professores e entre pesquisadores, pode acontecer que *alguém* de semblante carismático, ou que inspira “temor reverencial”, ou, ainda que parece encarnar o poder-e-saber, exerça seu domínio mágico sobre um colega mal posicionado ou pronto para adorar o Grande Mestre. Somente quem vive o cotidiano das relações humanas nos estabelecimentos de ensino ou de pesquisa é que podem dimensionar o quanto é chato – talvez mais do que chato – ver e não poder fazer nada para resgatar um ser humano que se encontra tão alienado de sua posição, não obstante sua inteligência e competência...

[1] Essas anotações me serviram para orientar uma entrevista concedida para a jornalista Bárbara Soalheiro, da revista *Superinteressante*, interessada em fazer uma matéria que saiu com o título “Por que existem chatos” (ver *Superinteressante*, de junho de 2004). Posteriormente também me serviu para outras entrevistas, destaco que concebi a Rede Bandeirantes sobre o mesmo assunto.

[2] Wittgenstein, IF, § 43.

[3] Figueiredo, 1993: 29.

[4] Há quem discorde dessa nossa opinião, como declara, Arnaldo Jabor, no seu livro de crônicas “*Amor é prosa, sexo é poesia*” (Ed. Objetiva, 2004: p. 41-5).

[5] As obras interessantes nessa linha de estudar a realidade concreta e cotidiana são: KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio: Paz e Terra, 1976; HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, s.d.; tb. *Cotidiano e história*. Paz e Terra, 1992, LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. SP: Ática, 1991. AZANHA, J.M.P. Uma idéia educacional. SP: Edusp, 1992; TEDESCO, J. C. *Paradigmas do cotidiano...Passo Fundo*: U. Passo Fundo, 2003. Varias matérias de revistas e alguns artigos mais ou menos científicos revelam um considerável aumento de estressados, deprimidos, suicídios, entre outros transtornos próprios de nossa época. Há quem aponte um “mal estar”, ou “estar constantemente chateado” como marca específica de nosso tempo.

[6] J. Pasmooore (1979), no seu excelente artigo “Ensinando a ser crítico”, analisa alguns exemplos de alunos que entendem que serem críticos demonstra leitura e pensamento verdadeiramente crítico sobre um determinado assunto. Na verdade, a maioria que usa de tal estilo *crítico-cricri*, entende que criticar é um mero hábito de “questionar por questionar”,

isto é, de questionar sem consistência. Alguns professores acham chato esse tipo de aluno 'crítico-cricri', porque atrapalha a aula com críticas estereotipadas. Geralmente, são alunos que parecem plenamente satisfeitos com algumas idéias prontas, que parecem servir para explicar e resolver todos os problemas do mundo. Tais idéias, provavelmente, foram assimiladas de um mestre com muita convicção de ter encontrado "a verdade toda", e, que, por isso mesmo, esta deve ser passada adiante, como único meio de perpetuá-la em nome de "Deus", ou "de uma classe social redentora", etc. Esse tipo de aluno fechado em suas próprias certezas, e resistente ao trabalho de ampliação de sua consciência, eventualmente, pode irritar um professor que leva muito a sério seu trabalho de ensinar. Sócrates recomendava, nesses momentos críticos, **humor e ironia**. Nada de se irritar com o aluno cricri, pelo contrário, ele deve ser acolhido e trabalhado, com muita paciência e diálogo.

[7] É denominado Síndrome de Estocolmo uma situação em que a vítima, por exemplo, de um seqüestro se apaixona pelo seu seqüestrador. Noutros termos, é quando o causador do sofrimento passa a ser amado, compreendido, enfim, a vítima é convertida e passa para o lado do criminoso. É quando o "eu fraco" ou tomado de infantilismo, se sente inferior ante um dominador, levando-o a cair na identificação com o dono do poder. (Bosi, 1977: 102).

[8] Nesse sentido, aqui, gostaria de fazer uma singela homenagem ao meu orientador de Doutorado, **Prof. Dr. Nelson Piletti**, pela sua competência no lugar de Mestre, e de Orientador de tese. Como 'orientador' o Prof. Piletti age como uma bússola do processo da pesquisa do orientando, sobretudo nos momentos em que este parece estar perdido; também dá suporte teórico-metodológico e administrativo, sempre deixando o orientando produzir seu texto com autonomia; sempre cuidadoso nas sinalizações dos defeitos da tese, dos prazos, das leituras necessárias; às vezes ele sabe que precisa de se posicionar, temporariamente, como quase um 'psicoterapeuta', visando sempre levar o seu orientado a superar os momentos de resistência não consciente ou outra qualquer que impede o rendimento da pesquisa.

[9] Pessoalmente cheguei a ver alunos brigando entre si para carregar a bolsa cheia de livros da professora "x"; soube de um outro que, quando soube que o professor estava fazendo a mudança, apareceu no dia, bem cedo, para servir de carregador dos móveis do professor...

Referências bibliográficas

- AZANHA, J.M.P. *Uma idéia de pesquisa educacional*. São Paulo: Edusp, 1992. GUSDORF, G. *A fala*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1977.
- BOBBIO, N. *Elogia da serenidade: e outros escritos morais*. São Paulo: UNESP, 2002.
- BOSI, E. "A opinião e o estereótipo". In: *Contexto*, 2, p, 97-104, 1977.
- CANETTI, E. *Auto-de-fé*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DHOQUOIS, R. "Sob contrato". In: *A polidez: virtude das aparências*. Porto Alegre: 1993, pp. 103-112.
- FIGUEIREDO, G. *Tratado geral dos chatos*. Rio de Janeiro: C. Brasileira, 1993.
- FREUD, S. [1929] *Mal-estar na civilização*. Rio: Imago, Ed. Standard das Obras Completas, v. 21., 1974.
- KALINA, E. & KOVADLOFF, S. *Drogadicção: indivíduo, família e sociedade*. Rio: F. Alves, 1980.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LA BOETIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LIMA BARRETO. *O homem que sabia javanês*. Curitiba: Pólo, 1997.
- LUCCHESI-BELZANE, M. "Um vazio essencial". In: *A polidez: virtude das aparências*. Porto Alegre: 1993, pp. 23-38.
- MAUTNER, A. V. "Corpo: porta do paraíso?" In: revista *Psicologia Atual*. ...



PASSMORE, J. "Ensinando a ser crítico". In: Peters, R.S., *The Concept of Education*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979. [Cópia trad. por Nélcio Parra – FEUSP].

POLISENO, A. *Os defeitos dos outros*. São Paulo: Paulus, 1996.

QUINTET, A. *As 4 + 1: Condições de análise*. Rio: Jorge Zahar, 1991.

SEIXAS, R. *Metamorfose ambulante* [...].

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Sobre chatices e chatos (III)

Sobre a criança chata!

Li em algum lugar que "as crianças dos outros são chatas, as nossas apenas estão com sono".

Fazer de conta que não vemos os nossos filho construindo uma imagem de *chatinho* é abusar do mecanismo de auto-engano. No fundo, estamos tentando esconder de nós mesmos que estamos falhando na sua educação. Mas, quem não falha no ato de educar? Que pai ou mãe não se sente chato nos dias de hoje ao exercer sua função (autoridade) de "pai" ou de "mãe"? Cada vez mais, fica evidente o pensamento de Freud: "educar" é uma tarefa verdadeiramente *impossível*, assim como também é o ato de "governar" e o de "psicanalisar".

O que é a educação senão tentar civilizar o pequeno selvagem? Que é educar senão um *processo* cujo intento é reprimir os impulsos instintivos, diminuir as 'naturais' chatices, infantilidades, manhas, birras, desrespeitos, etc? O traço de personalidade – ou a imagem social adquirida – de "chato" existe a partir do momento em que reconhecemos se tratar aí de uma 'falta de educação'. Na verdade, "má formação" porque hoje se entende que a educação acontece sempre, pelo 'direito' ou pelo 'avesso', pelo 'certo' ou pelo 'errado'. Ou seja, acontece educação através de relações humanas que se desenvolvem no lar ou nas 'febens', nas escolas ou assistindo televisão ou jogando videogames, etc. E, o que isso tem a ver com a criança chata? Ora, tudo.

Entendo que uma criança é chata mais por aprendizado cultural do que por 'natureza' própria. Entendo que uma pessoa adulta cujo traço é ser chata é alguém que fundou uma *solução de compromisso* com o seu ambiente de convivência, este, não necessariamente chato, mas 'gatinho' que dispara o que está latente no sujeito. Também entendo que, existencialmente, uma pessoa (adulta) se faz de chata, como opção racional pela não razoabilidade da convivência social. Ao que parece, quanto mais um sujeito faz opção pela *razionalidade*, mais ele tende a se afastar da *razoabilidade*^[1], caminho 'natural' do desenvolvimento do jeito chato de ser-no-mundo.

Que criança chata!

Crianças consideradas chatas geralmente são birrentas, irritantes, teimosas, desrespeitosas, invasoras, choramingas, malcriadas, manhosas. Perdem facilmente o autocontrole. Parecem gostar de transgredir regras de convívio social.

Respeito ao outro é regra necessária para sustentar a civilização; a chatice que é reforçada desde criança pelos pais omissos, ou ausentes, no fundo, acentua a falta de sensibilidade que a criança demonstra em relação ao outro.

Não é chata a criança desrespeitosa para com os mais velhos? Não é chata uma criança que tende a confundir brincar com brigar quando está com as outras? E aquela que sempre resiste a fazer tarefas escolares e domésticas, como arrumar seu quarto pelo menos uma vez por mês? Como não achar chata uma criança 'folgada', ou um adolescente "aborrescente"? Como não ficar constrangido ao ver criança que fala palavrão fora de hora e de lugar, que teima em interromper conversa dos adultos? Será falha da educação recebida ou falta de referência positiva que leva a criança a ser considerada chata?

Especialistas observam que pais mal posicionados em seu papel de pais aumentam a probabilidade de desenvolver um filho com dificuldades de convivência social. Embora toda criança passe pela fase egocêntrica, espera-se que ela amplie sua consciência no sentido de incluir o outro como referência para se relacionar e respeitar. Uma criança é considerada chata quando, por atitudes e palavras, se mostra como centro do mundo, um passo para se tornar mandona ou autoritária.

Criança pode ser peralta sem ser chata. Mesmo sendo transgressão, a peraltice não causa mal ou dano a alguém, porque a intenção precípua é extrair prazer. Já a chatice afeta o bem estar do próximo, muitas vezes causando constrangimento e afastamento das pessoas que convivem com ela. Ela não é uma pessoa má; não possui uma estrutura psíquica necessariamente perversa, mas seu jeito de ser é de uma pessoa chatinha, só isso.

Machado de Assis achava que uma pessoa chata suga nossa energia vital. Chato, cansa! As chateações constantes causam cansaço, desgastam as relações humanas, criam desequilíbrio afetivo-emocional entre as pessoas. Como não queremos perder energia em vão, intuitiva e preventivamente, procuramos nos afastar dos chatos. No fundo, a criança chatinha também termina sendo vítima de seu próprio jeito chato de ser, porque ninguém quer saber dela.

Educação é prevenção

Penso que uma criança se torna chata quando os pais permitem tudo, não corrigem a tendência a fazer “má-criações”. Hoje os pais sentem-se impotentes para chamar a atenção dos filhos. Com isso vão “malcriando” os filhos quando deveriam educá-los. Existe criança que respeita mais a empregada, que passa com ela todos os dias da semana, do que com a mãe, vista como ausente. Mas, também existem mães e avós que superprotegem os filhos a tal ponto que não conseguem sinalizar os excessos e erros deles. Pior faz a mãe que desautoriza o esforço do pai de fazer a criança ou adolescente respeitar uma regra. Nesse caso, superprotegido pela mãe, o filho sente-se “autorizado” a ir em frente, rompendo com os limites da tolerância, tomando os seus erros como acertos, ou até mesmo concebendo-os como virtudes. Nesse momento, nasce um estilo cínico de ser no mundo.

Pais que, em vez de corrigir, superprotegem filhos chatos podem levá-los a se tornar adultos irritantes e socialmente inconvenientes. Não é mera coincidência que nova geração da China, nascida na política governamental de um filho por família, numa época de crescimento econômico e consumismo ascende, está desagradando àquela sociedade. Tradicionalmente, a família chinesa vivia no campo, tinha muitos filhos sob a autoridade dos pais que desde cedo ensinavam as crianças a dividirem o pouco que tinham. Hoje, o filho único daquele país é chamado de “pequeno imperador”, porque é mandão, intolerante e, por isso mesmo, é considerado chato.

Na China ou no Brasil, embora a família tenha ficado pequena, e urbana, os pais perderam o domínio sobre os filhos. Há muito tempo, os antropólogos e psicanalistas vem analisando os efeitos do declínio da autoridade do pai na modernidade. A luta para destituir o poder do pai repressor – o “pai-patrão” – das décadas de 60 e 70, virou na nova geração uma atitude de egoísmo, insensibilidade, individualismo, e falta de qualquer compromisso com o outro.

Os professores reclamam hoje do aumento do número de alunos que a todos irritam. Desrespeitam colegas que querem estudar e o professor que precisa trabalhar. Descomprometem-se com qualquer tipo de reflexão, sobretudo, reflexão política. Quando é chamada para usar o pensamento crítico e a reflexão, “parece ter a pilha sempre descarregada”, disse uma educadora. O celular nas escolas particulares de classe média e rica fez pioras as coisas, porque se interessam mais em consultar o visor e enviar ‘torpedos’ do que em participar da aula. Soube que alunos usam esse instrumento para delatar à direção da escola o professor que lhes chamou a atenção. Soube também de casos de alunos que ameaçam professores através de e-mails anônimos. A reportagem da revista *Veja* de 11/05/2005 (edição 1904) relata alguns casos muito chatos ocorridos em várias escolas. Como não ficar chateado com alunos chatos?

Na busca do porquê da chatice das crianças de nossa época não devemos buscar ou privilegiar uma causa **única**: personalidade, criação, ambiente de convivência, cultura, etc. O **todo** da educação, o contexto de suas relações deve ser reconhecido e analisado como conjunto de causas múltiplas da chatice de criança, adolescente ou adulto. Está condenada ao

fracasso a antiga proposta educativa comeniana de fazer uso de um **único** método para *ensinar tudo a todos*.

É necessário *reavaliar* a vida cotidiana considerada chata; deve ser levada em conta a totalidade de seu cotidiano, que provavelmente é efeito ou sintoma das contradições dos pais, colegas, vizinhos, de sua relação com as telas eletrônicas, etc. Acredito que o excesso de horas que uma criança ou adolescente passa diante de uma tela, jogando ou se relacionando virtualmente, aprofunda o traço de chatice dela.

Uma criança jamais é chata, mas *responde com chatices o ambiente chato em que é obrigada a viver*. Parafraseando S. Beauvoir: não existe criança chata, mas sim “criança que está se tornando chata” como reação ao **todo** cultural contraditório, muitas vezes insuportavelmente inautêntico, tagarela, vazio, e, por isso mesmo, infeliz.

[1] S. Toulmin (2004) distingue a “razoabilidade” da “racionalidade”. A razoabilidade “combina a força intelectual do conteúdo com uma moderação no estilo”. É *razoável* uma pessoa que demonstra a sensibilidade para com uma determinada situação, bem como equilíbrio e serenidade na ação prática ou política. A pessoa que usa apenas de *racionalidade* é insensível e de julgamento parcial das coisas, podendo terminar desenvolvendo uma ação precipitada e afobada. Tenderia a agir “irracionalmente” porque é mais inata do que adquirida. O hábito de agir de uma forma que ofende, sem necessidade, que, por exemplo, faz afastar os amigos e aumentar o número de inimigos, demonstra que muita gente não presta atenção uma atenção razoável a sua própria conduta: e *este é um defeito adquirido, não uma marca de irracionalidade inata*. (TOULMIN, S. “Como a razão perdeu o seu equilíbrio” In: *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente* (Org.: Boaventura Sousa Santos). São Paulo: Cortez, 2004, pp. 269-289.

Raymundo de Lima

Psicanalista, mestre em Psicologia Escolar (UGF) e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). professor do Depto. Fundamentos da Educação (DFE) da Universidade Estadual de Maringá (Pr), e voluntário do CVV-Samaritanos de Maringá (PR).

E-mail: ray_lima@uol.com.br

Revista Espaço Acadêmico <http://www.espacoacademico.com.br>